



AZUL

ANNO I.

Peis Arte

TOMO I

Redacção: Santa Rita Junior, Evaristo Pernetta, Nicolau dos Santos,
Adolpho Wenzel, Euclides Bandeira e Tháago Peixoto.

Curityba, 1.º de Abril de 1890

A um lyrio morto

Desceo da morte a tenebrosa escada,
Calma e pura aos meos olhos se revela.
Olavo Bilac

Nesta incerta jornada, em meio da existencia,
Ao pungir de atra dôr e de rude saudade,
Meo coração, por ti, tão cheio de dolencia,
Ajoelha, rezando á extinta mocidade.

Céo piedoso e immortal! quero a tua clemencia!
Do teo meigo consolo aspiro a suavidade;
Nas cinzas da paixão inda ficou a ardencia
E a palmeira ideal d'aquella doce idade...

Este luar que inunda o meo triste aposento
Tanto outr'ora assistio a expansão do teo beijo
E á loucura febril do nosso amor violento!

De joelhos eu me prostro e mil preces murmurô
Todo o ar se harmonisa ao soluçante harpejo.
Desces a consolar-me, a este planeta escuro.

21 de Abril 1897.

J. de Santa Rita.

PSALMO

— A Ti, dona da minha Alma... dona do fidalgo e antigo deluir de luz de teos olhos — cyrios de esmeralda no Azul de minha imaginacão: illuminando-o e deluindo luz mortica por sobre o crepusculejamento de minha Indifferença — eu offerto este psalmo que, todas as noutes, quando a lúa pallida, espectralmente pallida, vagueia por sobre o velludo azul do Céo, murmujo, genuflexo no Templo Azul — Templo de Amor — olhos fitos no Altar diaphano onde, entre lyrios e rosas brancas, scintilla a esmeralda sanga dos teos olhos!...“

Põe-me a mim como hum sello sobre o teo coração, como hum sello sobre o teo braço, porque o Amor é valente como a Morte, o Zelo do Amor é inflexivel como o Inferno.
(Cantares de Salomão, cap. VIII, vers. 6.)

— Ó Santissima, ó Piedosa, ó Doce! Advogada minha volve os teos olhos para minh' Alma... Ella te ama, ama os teos olhos: elles são feitos de Piedade, n'elles desfilam monjas penitentes manuzeando o rozario do Amor; as suas contas são lagrimas peroladas, dona de minh' Alma... — Advogada minha, osculando a fimbria de tua purpura minh' Alma chora, soluça cahida a tuas plantas... Ouve a pobre mendiga, Advogada minha! dá-lhe o allivio para saudade de Passado morto, diaphano — nuvem de incenso — que se esvahio tam cedo, me ensinando o Amor!..

— Isis Santissima, Alma de minha Existencia, Alvo de meo Pensamento!... illumina, com o dulcido deluir de luz de teos olhos, a consciencia de um crente!... — Desce, ó Immaculada, ó Virgem Maria de minh' Alma!... do

Altar feito de astros, de rosas brancas — de Almas e Magnolias — do Altar que meo santo Amor construio a tuas plantas! Desce, ó Unica, ó Dulcissima... e dá que eu ouça o crystalisar balsamico de tua boca!

— Os teos labios têm o perfume das rosas, e tua lingua molha-as com Amor liquefeito: elles sao leitos de Aromas, duas manchas de sangue na petala de um Lyrio...

— O' Rosa Mystica! teo perfume inebria minh' Alma, balsamisa a minha Dôr!

— Apieda-te de mim, que meo Amor é immenso... Que será de minh' Alma, longe de Ti?!

Pobre de minh' Alma!

Pobre de minh' Alma!...

— Ella é triste, envolve-a toda uma chlamyde de crepe.

— O' Eleita!... tuas palavras são cantares, tuas queixas são elegias e eu amo o breviario das perolas de tua boca, quando n'elle rezas pelos corações que amam.

— Piedosa, Piedosissima!... passeia os teos dedos em meo coração... preme a chaga que o vae matando... o teo olhar foi que assim o fez, foi o teo olhar que o ferio...

— Tira a Morte de meo coração e eu beijarei tuas plantas, oscularei o coral de tuas unhas; os nossos corações quedar-se-hão gemeos e eu beijarei a malva de teos olhos, os teos cabellos se espalharão em ouro por sobre o meo rosto.....

— Favo de Amor... por piedade!... reza por minh' Alma!

..... Pobre de minh' Alma!

ALFREDO DE SARANDY.

Rio, éra de 900.





SONETO

Às vezes, contemplando, absôrto, a branca lua,
Vejo-a, como si fôra uma estranha beata,
De uma nuvem cobrir-se; alva, porém, bem nua,
Ei-la outrâ vez mostrando a limpidez de prata.

É n'essa alternativa, é quando á luz tão grata
Succede a treva hostil que envolve a face sua,
Que, parece, o Senhor, para exemplo, retrata
Da vida humana a sorte accidentada e crua.

Luz e treva... Mas ai! se aquelle astro em seu bojo
Dá, como a Terra, abrigo a tantas almas, tantas,
Que Deus, só de as contar, sentira estafa e nojo;

Será, como este mundo, outro gemido ingente...
Mas a cada clamor d'aquellas mil gargantas
Accode o céo mais perto, o céo alli presente!

Ricardo de Lemos.




NEVROSE

„O teu Desejo é um louco!“ alguém me disse e eu creio...
Ao Futuro — castello ignoto que se tinge
Da loura cor do sol e que ser ouro finge —
Elle vae, muita vez, tentar partil-o ao meio...

A Flor do meu Seysmar, a Flor que tanto anseio,
N'uma noite infinita esse castello cinge.
— O Futuro é o Mysterio e o Mysterio é uma Esphynge
Que um profano não pode investigar-lhe o seio...

Quanta vez a Chiméra astral desse Desejo,
Desse louco que busca a Flor que tanto almejo,
No Futuro descobre a Flamula da Paz,

Fazendo-a tremular n'um rutilo clarão!...
Mas vejo — ó Deos! que a Dor succede essa Illusão
E quedo-mo a gemer n'um nevrosismo audaz!

GENEROZO BORGES.



Exilado...

A. Thingo Belchior.

Com a luminosa Flôr do Idéal esmagada pela brutalidade dos homens e pelas rodas materiaes do mundo, Elle sentia que a treva angural da noite immensa pezava-lhe na alma, envolvendo esmagadoramente o hostiarie da Esperança que outrora illuminara-lhe a vida como um fogo sagrado de Pyra immaculada clareando, em ondulações de thribulos refulgentes e pomposos, o alvo altar engrinaldado de uma antiga Deuza pagan.

Como flores mortuarias haviam desabrochado no seu coração: o pallor gélido da Magôa, o Tedio maldicto e a indifferença suprema aos homens e a existencia toda.

A Sinceridade que Elle trouxera alçada ao coração, como um amulêto bemdicto, envolto em leves nuvens côr de azul da Fé, via agora pizada, esmagada no pó do caminho tão longo e tortuoso.

Ah! a Realidade!

Montanha colossal de rochedos negros, cahida sobre um lyrio da madrugada, sobre uma roza da manhã.

Ah! a Realidade! E olhou em torno á si...

Sahara maldicto!...

Tudo morto; tudo extinto... E volveo mageadamente os olhos para traz: a saudade, loira Vestal do Passado, chorava debruçada nos braços espectraes dos madeiros descolados...

Só a ave agoureira e fria do Sarcasmo, gargalhava, gargalhava estridente no lenho abandonado o revôava recortando o azul da sua alma espedaçada...

Ah! como recordava-se agora...

Partira como um guerreiro medieval, para a lucta Santa — cruz de marfim pendente ao peito, plumas e lanças rebrilhando ao sol,

e voltara, ali voltara mudo de dôr, como uma sphinge, tropeço como um velhinho, cahido vencido nos braços empedernidos de musulmanos de alfange... E o rôgo manto azul da Primavéra incomparavel que levava em triumpho, fluctuava agora estracalhado, como o estandarte da Morte, tristemente desfraldado ao vendaval que rugia, como uma voz humana... A Esperança que viéra meiga e consoladora, — loira criança a sorrir — do luar velado — do primeiro encanto, da nevoa da paixão primeira, fôra amortalhada quando os annos crueis distenderam a gelidez de cova na sua alma sensivel e doce.

E a Crença perfumada pela capella em flôr do Paraíso primaveril; que cantara hymnarios festivos e gloriosos, fôra despedaçada de encontro a rocha escarpada e núa do odio... E o vencido passava agora como uma sombra errante, entre a multidão vaga, ouvindo as rizadas d'ella que vibravam-lhe na alma tormentosa, como punhâes cantantes cantando requiens de sangue... Agora nem coragem tinha de volver os olhos para traz.

E assim com o coração feito em chaga viva ao contacto dos outros corações humanos, Elle fugia louco, do rumôr confuso, rouquenho e aspero do mundo, e, longe, muito longe, no seu desespero maldicto, ia ouvir a voz immensa do Deserto, ia abrir a sua alma ás estrellas piedosas para que o seu grande Sonho derradeiro subisse por uma escadaria enluarada e ficasse sacramentado entre a pulverisacão da *Estrella D'Alva*, onde a pequenhez dos homens não o pudesse alcançar.

E refugiado das turbas terribveis, parecia-lhe que cada estrella que palpitava vivida no seio carinhoso do Azul longíquo, era um sonho enorme, um Idéal castissimo que o vasto mundo não

comportara e que numa comunhão excelsa e branca de luz purissima haviam-se alado para o Além, constellando-se lá entre

25 de Março 1900.

as nuvens do céo, resplandecendo lá muito longe, lá muito alto, entre o luar iminuculo, entre o clarão dos astros immortaes.

Santa Rita Junior.

No alto...

A Santa Rita Junior.

No teu mirante de azul-turqueza,
Loiros cabellos, cutis bem alva,
Vejo-te sempre, Lady ou Duqueza?
De bata verde... folha de malva...

Fitando cheia de nostalgia
A branca espuma do verde mar,
E vêm-te aos labios triste alegria,
Que faz-me triste tambem scismar:
Nesses teus olhos verdes de opala
Que symbolisam mortos luares,
Nesse teo rosto que inda trescala
O leve cheiro dos nenuphares...

A tua vida, Lyrio, parece
A Ermida triste do isolamento,
Onde o teu labio murmura a prece,
No missal negro do soffrimento.

E quando a noite desce piedosa,
Olhas chorando para o Levante!
Lady ou Duqueza? botão de roza:
Dize o que buscas lá tão distante...

Thiago Peixoto.

* LECTICIA *

A. Nicolao dos Santos.

Sorrindo sempre, sempre risonha
 Vejo-a. Parece que o riso mora
 Dentro em sua alma virgem que sonha
 E que se expande como uma aurora ...

* * *
 Jamais turvado, mesmo de leve,
 Foi pelo laivo de acre tortura,
 Seu lindo rosto de rosa e neve
 Onde bailando vê-se a ventura.

* * *
 Ella não sabe que a dor existe ...
 — A dor, abutre de garra fera,
 Que a alma dolente de um pobre triste
 A todo instante punge e lacera.

* * *
 Chamal-a pôde-se — alma de lyrio,
 Alma que sonha, luz que radia
 E perambula no grande Empyrio —
 Dona Risonha, Dona Alegria.

* * *
 Por certo pensa Dona Lecticia
 Ah! forte engano pensar assim ...
 Que a vida é um sonho só de delicia,
 Um sonho roseo que não tem fim.

* * *
 Ah! mas quem sabe se essa creança
 Que á flor dos labios traz a bailar
 Um riso doce como a esperança
 Ao mundo veio para penar? ...

* * *
 A vida eterno goso parece
 Quando começa a resplandecer ...
 Mas como um sonho desaparece
 Toda a alegria, todo prazer ...

* * *
 Ah! sim, quem sabe se essa creança
 Que á flor dos labios traz a bailar
 Um riso doce como a esperança
 Ao mundo veio para penar? ...

ADOLPHO WERNECK.



Dissonante

O azul desses olhos que me vêem tristonhos, é mais profundo, mais expressivo que a symbolica côr azul do firmamento.

Olhos que são mundos, paraíso onde floreçem os sonhos castos, olhos nostalgiticos, scismadores, remontam ás noites enluaradas, de um paiz distante.

E no espaço luminoso desses olhos que cantam os passaros da primavera; na doce tranquillidade do seo azul inalteravel, as tempestades destruidoras não deixarão vestigios.

Serão sempre tranquillos.

E quando velados um dia para a luz, volverem-se para o Azul do céo, hão de ser os mesmos olhos nostalgiticos, scismadores, olhos que foram mundos, paraíso onde floreceram os sonhos castos, enluarados.

Olhos bons.

* * *

Olhos maus.

Chamaram maus a ess'outros que me suggestionam, olhos que se avultão como espectros visíveis, nervos vibrando em sensações de gelo e fogo.

Serão maus?

Talvez...

Povoam-me os sonhos de angústias e agonias, lembram a morte; torturam-me a alma com desejos amortalhados; vejo na luz esverdeada do seo olhar remorsos de crimes insepultos.

Ah! mas elles procuram-me, são inconscientes, somnambulos movem-se nas orbitas como se

não existissem para o mundo exterior.

Fital-os-ei, que importa? — esses olhos peregrinos onde vagueiam fogos fatuos d'um cemiterio abandonado.

Cemiterio de sonhos.

Olhos maus.

24—3—1900.

Nicolao dos Santos.



Nomeadas universaes.

(Chateaubriand.)

A multiplicidade e a diversidade das lingoas modernas devem fazer que ao espirito dos homens tantalizados pela sede de viver se offereça esta triste questão: Pôde hoje haver nas lettras reputações universaes, como as que nos legou a antiguidade?

No velho mundo civilizado duas lingoas dominavam, só douz pôvos julgavam, em ultima instância, os monumentos de seu genio. Triumphando dos Gregos, Roma cercou os trabalhos da intelligencia dos vencidos do mesmo respeito que Alexandria e Athènas haviam por elles tido. A gloria de Homero e de Virgilio, nela transmitiram religiosamente os monges, os padres e os clérigos, — instituidores dos barbaros nas escolas ecclesiasticas, nos mosteiros, nos seminários e nas universidades. De raça em raça, chegou até nós uma admiração hereditaria, em virtude das lições de um professorado cuja cathedra, aberta ha quatorze séculos, cen-

firma incessantemente a mesma sentença.

Não se dá o mesmo no moderno mundo civilizado: cinco línguas florescem: cada uma delas possue obras primas que não são reconhecidas taes nos paizes em que as outras quatro línguas se falam. E não nos admiremos disso.

Numa litteratura viva, só pôde alguém julgar com competencia das obras escriptas em sua propria língua. Pensaes em vão conhecer a fundo um estrangeiro idioma: falta-vos o leite da nutrice, como vos faltam as primeiras palavras que ella vos ensina em seu regaco e em vossos cueiros: certos accentos são exclusivamente peculiares á patria.

Diz-se que as bellezas reaes são de todos os tempos, de todos os paizes: sim, as bellezas de sentimento e de pensamento; não, as bellezas de estylo. O estylo não é, como o pensamento, cosmopolita: tem uma terra natal, um céo, um sol que lhe pertence.

(Continua.)

ARISTIDES FRANÇA.



Dr. J. Santa Rita.

Illumina hoje a pagina de honra do „Azul“ o bizarro soneto „A um lyrio morto“ do magnifico poeta Dr. Santa Rita.

E' um presente régio com que brindamos os nossos leitores.



Fulguram tambem no „Azul“, como uma alvorada de primavera, um „Soneto“ do inspirado moço Ricardo de Lemos e „Nevrose“ de G. Berges.



A Cruz e Souza.

Nestor Victor, um dos mais amplos espiritos da nossa terra que com tanta honra resplandece entre a fina flor intellectual da moderna geracão, teve a gentileza de nos offertar um livro de versos da sua lavra, com o titulo acima, escripto pelo 30.º dia da morte do inolvidavel Artista da palavra, Cruz e Souza, que foi um dos seus mais intimos amigos. Agradecemos essa distincção fidalga e o bello cartão que nos dirigio.

Breve daremos a nossa sincera opiniao sobre esse trabalho.



„Folha Amarella“

O nosso coração sentio-se banhado por uma immensa alvorada de alegria, quando tivemos a noticia da breve apparição desta orientalesca Deusa do Sonho. Que um rosario incomparavel de estrellas, de astros e de luares, pulverise a estrada por onde Elia perambular vitoriosamente.



LARVAS.

Do distinto poeta fluminense Sr. Cardoso Junior, recebemos um exemplar do seu livro — Larvas. Vamos lel-o e escreveremos a impressão que nos ficar.



Recebemos o „Athleta“, jornal da Associação Paranaguense dos Empregados no Commercio.

Gratos.

Expediente.

O AZUL será publicado quinzenalmente.

ASSIGNATURA:

2 mil rs. por trimestre.

REDACÇÃO:

PRAÇA DA REPUBLICA N.º 4

—> „Typ. Der Beobachter“ —

Travessa da Proclamação N.º 5.

CURITIBA,